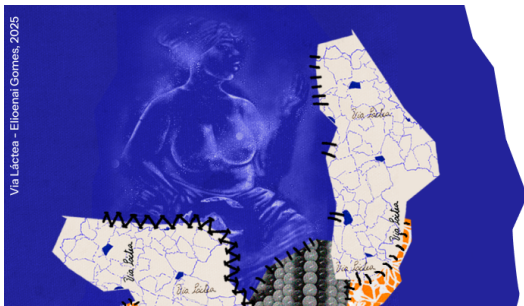




ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO PIBID/UFPE

CONTEMPORARY INDIGENOUS ART FROM THE EXPERIENCE OF DEVELOPING TEACHING MATERIAL IN PIBID/UFPE

Thamires Silva de Souza¹

Universidade Federal de Pernambuco

Yasmim do Nascimento Ferreira Monteiro²

Universidade Federal de Pernambuco

Clarissa Machado Belarmino³

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Relatar a experiência de elaboração do material didático em construção “A cobra mordeu o homem”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), assim como as reflexões que surgiram deste processo, é o objetivo deste texto. Com isso, busca-se explicar o funcionamento do PIBID Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); relatar sobre a semana dos povos originários, evento promovido pelo Colégio de Aplicação (CAp) da UFPE; apresentar a proposta e o processo de desenvolvimento do material didático, bem como descrever a organização dos capítulos; e abordar o conteúdo do primeiro capítulo do material, destacando as reflexões desenvolvidas durante o processo de elaboração. O procedimento metodológico adotado consistiu na pesquisa bibliográfica, articulada à análise reflexiva da experiência vivida pelas autoras no programa. Dessa forma, conclui-se que a proposta se configura como uma ferramenta pedagógica relevante para o processo de ensino-aprendizagem na educação básica, ao valorizar a arte indígena e estimular práticas educativas mais críticas, inclusivas e conectadas à diversidade cultural.

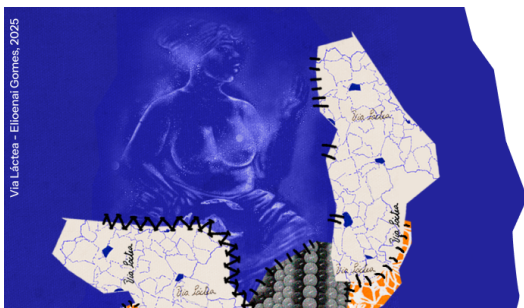
Palavras-chave: arte indígena; material didático; PIBID.

Abstract: Reporting on the experience of developing the teaching material “A cobra mordeu o homem” (“The Snake Bit the Man”), created within the scope of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID), as well as the reflections that emerged from this process, is the objective of this text. It seeks to explain the functioning of the PIBID Visual Arts program at the Federal University of Pernambuco (UFPE); describe the Week of

¹ Discente do 8º período do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9381317509833004>.

² Discente do 8º período do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9902637159097388>.

³ Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE. Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB (2018). Especialista em Museus, Identidades e Comunidades pela EIPP - FUNDAJ (2020). Licenciatura em Educação Artística/Artes Plásticas - UFPE (2013). Pesquisadora no Projeto Cultural Mulheres que Tecem Pernambuco (Funcultura). Integrante do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4399794568876199>.



Indigenous Peoples, an event promoted by UFPE's Laboratory School (Colégio de Aplicação – CAP); present the proposal and the process of developing the teaching material, as well as outline the organization of its chapters; and address the content of the first chapter of the material, highlighting the reflections developed during the elaboration process. The methodological procedure adopted consisted of bibliographic research, combined with a reflective analysis of the experience lived by the authors in the program. Thus, it is concluded that the proposal constitutes a relevant pedagogical tool for the teaching-learning process in basic education, as it values Indigenous art and encourages more critical, inclusive, and culturally diverse educational practices.

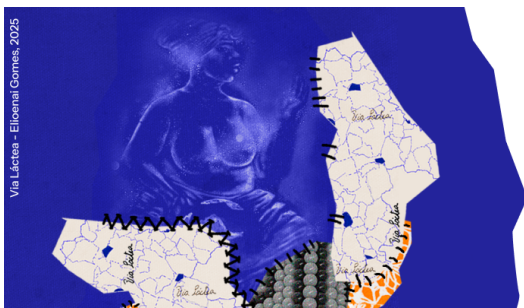
Keywords: indigenous art; teaching material; PIBID.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado pelas autoras a partir da ação desenvolvida em conjunto com os demais integrantes da equipe: Ana Clara, Beatriz Barros, Giovana Alves, Millena Barros, Rayza Cândido e Vinícius Amorim. Juntos, compomos o grupo que passou o primeiro ciclo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) atuando no Colégio de Aplicação da UFPE (CAp/UFPE) no ano de 2025.

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de elaboração do material didático em construção “A cobra mordeu o homem”, desenvolvido no âmbito do PIBID, e as reflexões que surgiram deste processo. Especificamente, busca: explicar o funcionamento do PIBID Artes Visuais da UFPE; relatar sobre a semana dos povos originários, evento promovido pelo CAp/UFPE; apresentar a proposta e o processo de desenvolvimento do material didático, bem como descrever a organização dos capítulos; e abordar o conteúdo do primeiro capítulo do material, destacando as reflexões desenvolvidas durante o processo de elaboração.

A escolha pelo estudo da arte indígena contemporânea justifica-se pela necessidade de ampliar o reconhecimento e a valorização das produções artísticas dos povos originários no atual cenário artístico e educativo. Além disso, a proposta está em consonância com a Lei nº 11.645/08, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura indígena nos currículos escolares, reforçando a importância desse material como recurso pedagógico capaz de fomentar práticas educativas críticas,



que reconheçam a arte indígena como parte fundamental do patrimônio artístico e cultural brasileiro.

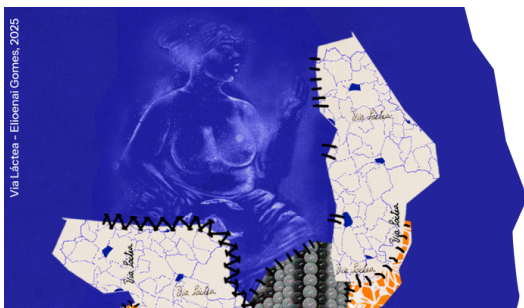
Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório. Utiliza o método dialético para favorecer a análise crítica do processo de elaboração do material didático. O procedimento metodológico adotado consistiu na pesquisa bibliográfica, articulada à análise reflexiva da experiência vivida pelas autoras no programa.

Na primeira seção, é apresentado o PIBID e a dinâmica do PIBID Artes Visuais da UFPE. Já a segunda seção relata a semana dos povos originários, promovida pelo CAp/UFPE. Logo após, a proposta e o processo de desenvolvimento do material didático é apresentado, seguida da descrição da organização dos capítulos do material. Por fim, a última seção traz o conteúdo do primeiro capítulo do material, elaborado pelas autoras deste artigo, destacando as reflexões desenvolvidas durante sua elaboração.

2 DESENVOLVIMENTO

O PIBID, executado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa “fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o fortalecimento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (Brasil, 2024). Assim, os licenciandos atuam de forma orientada e supervisionada em escolas públicas de educação básica realizando atividades com níveis crescentes de complexidade e autonomia docente, possibilitando que conheçam e vivenciem, durante a graduação, seu futuro campo de atuação profissional (Brasil, 2024).

O projeto de Artes Visuais da UFPE, aprovado no edital do PIBID/2024 e coordenado pelo Prof. Dr. Edson Macalini, tem como principal objetivo promover a formação da identidade docente por meio da inserção dos licenciandos no cotidiano escolar. No contato direto com as escolas, os 24 bolsistas têm a oportunidade de ler e discutir coletivamente referenciais teóricos sobre o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais na educação básica, além de desenvolver o



uso das linguagens artísticas. A partir dessa experiência, são incentivados a formular questões para projetos e intervenções artísticas, bem como planejar e ministrar aulas.

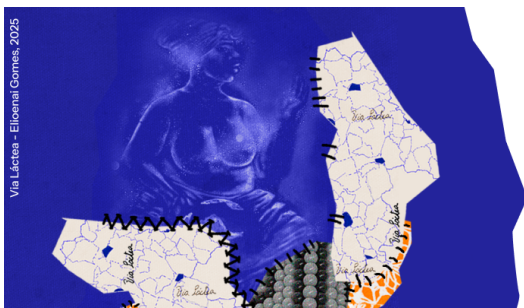
As escolas participantes do PIBID Artes Visuais da UFPE são: o CAP/UFPE, com a supervisora Clarissa Machado; a Escola de Referência Estadual Nóbrega, com Brenda Bazante; e a Escola Municipal Benjamin Constant, supervisionada pela professora Luana Brito. A fim de proporcionar experiências nos 3 âmbitos educacionais (federal, estadual e municipal), o projeto adotou o esquema de ciclos, onde os 24 bolsistas são divididos em três grupos, atuando e revezando-se entre as escolas. O que torna possível vivenciar e refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem das Artes Visuais em diferentes contextos.

Tais experiências contribuem para a ampliação da compreensão do papel social da arte e consolidam o PIBID como política essencial para a valorização da carreira docente, promovendo simultaneamente a qualidade do ensino e o fortalecimento do ensino de Artes Visuais na educação básica. Dito isso, faz-se importante relatar, a seguir, as vivências no CAP/UFPE.

2.1 VIVÊNCIAS NO CAP/UFPE

O CAP/UFPE, localizado na Cidade Universitária, em Recife-PE, foi fundado em março de 1958. A instituição atende acadêmicos de diferentes licenciaturas, em suas diversas habilitações, atuando tanto na educação básica quanto na formação continuada de professores. Atualmente, o ingresso dos estudantes ocorre por meio de sorteio, com inscrições gratuitas. São disponibilizadas 60 vagas, distribuídas em duas turmas de 6º ano. As aulas de Artes Visuais acontecem em uma sala específica da componente curricular, sendo a turma dividida em dois grupos, com uma média de 15 estudantes em cada, que se alternam durante a semana.

Durante nosso primeiro ciclo no PIBID, atuando no CAP/UFPE, participamos de diversas atividades promovidas pela escola, dentre elas, a Semana dos Povos Originários. A ação ocorreu entre os dias 14 e 16 de abril de 2025 e tinha como



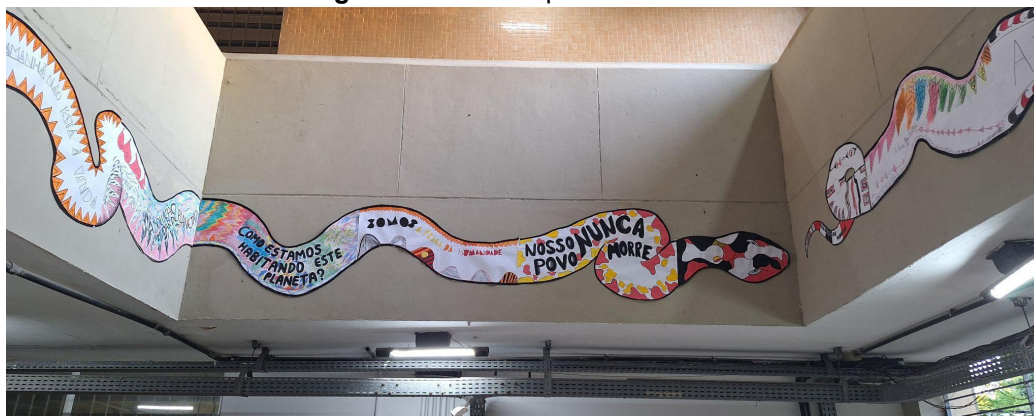
objetivo proporcionar aos estudantes momentos de reflexão, visibilidade e valorização acerca da cultura dos povos indígenas.

A programação do evento consistiu nos seguintes momentos: vivências indígenas com os 6º anos, com Gabriela Moura, do povo Karaxuwanassu; Apresentação da Ala Caboclinho Tupynambá; e roda de conversa sobre os povos originários com a presença de Cauet da Silva, Vânia Fialho e Clarissa Machado.

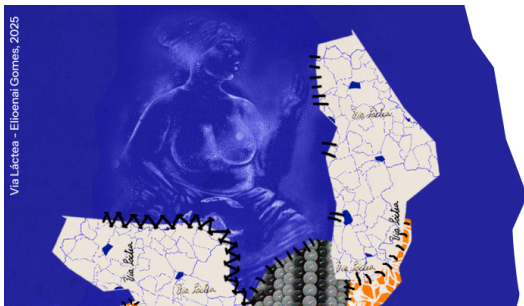
A “Conversa sobre os povos originários: entre vivências e representações”, contou com a participação de estudantes do 6º e 9º ano, pibidianos e estagiários. Nesta conversa pudemos dialogar com Cauet da Silva, integrante da Ala Caboclinho Tupynambá; Vânia Fialho, Antropóloga e Socióloga que pesquisa sobre políticas de reconhecimento, povos tradicionais e conflitos socioambientais; e Clarissa Machado, docente de Artes Visuais do CAP/UFPE e mestra em Artes Visuais, com pesquisa intitulada “Tramas indígenas: a técnica do trançado da etnia Kambiwá”.

Na ocasião, ainda, foi compartilhado sobre a intervenção artística da Cobra, painel desenvolvido pela turma do 9º ano A durante as aulas de Artes Visuais da professora Clarissa Machado com a participação dos pibidianos. O painel foi inspirado na obra “Carta cobra”, da Daiara Tukano, apresentada previamente aos estudantes, que também realizaram a leitura conjunta dos dois primeiros capítulos do livro “A vida não é útil”, de Ailton Krenak. Além disso, Rayza Cândido (integrante do grupo de pibidianos) apresentou e contextualizou grafismos indígenas para a turma.

Figura 1 - Parte do painel da Cobra.



Fonte: acervo PIBID-CAP, 2025.



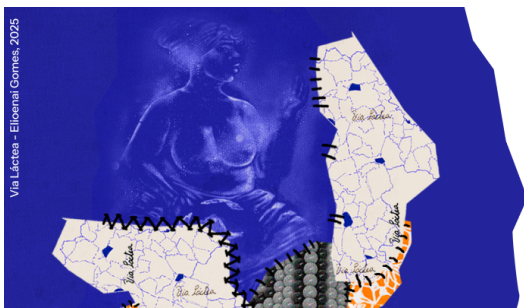
Após debates e reflexões, a Cobra foi construída coletivamente, sendo preenchida com desenhos, grafismos e frases que mais chamaram atenção durante a leitura da obra de Krenak. A realização desse painel foi muito significativa por ter proporcionado, no ambiente escolar, momentos de escuta e reflexão sobre questões indígenas e a relação da humanidade com a natureza. Dito isso, faz-se necessário apresentar, a seguir, a proposta e o processo de desenvolvimento do material didático.

2.2 PROPOSTA E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL DIDÁTICO

Inicialmente, antes mesmo do evento da semana dos povos originários, ou seja, em março, nossa supervisora propôs que fizéssemos uma pesquisa sobre Arte Indígena Contemporânea. A pesquisa teve como propósito expandir nosso repertório sobre o tema e sua presença no ensino básico, a fim de elaborarmos um material visual para ser compartilhado com os estudantes durante o evento que viria a ocorrer no mês seguinte. Logo, cada membro da equipe realizou suas pesquisas e desenvolveu seu material visual. Ambos foram compartilhados em uma reunião de alinhamento com a supervisora no mês seguinte.

Nesse sentido, nós, autoras deste artigo, pesquisamos por artistas indígenas, obras e selecionamos textos para a leitura. Em seguida, fizemos a síntese das principais ideias dos textos lidos a fim de nos orientar na elaboração do material visual. Após refletir sobre os textos e discutir possibilidades de formato, decidimos, de início, elaborar um livro virtual interativo. Sendo assim, iniciamos a elaboração do nosso material que tinha como objetivo levar para o ensino fundamental um panorama geral da Arte Indígena Contemporânea.

Na reunião de alinhamento do mês de abril, onde houve o compartilhamento das pesquisas e dos materiais desenvolvidos por cada integrante da equipe, apresentamos nossa proposta em sua versão inicial. A mesma foi bem recebida pelo grupo, o que nos fez perceber, dias depois, seu potencial para expandir. Sendo



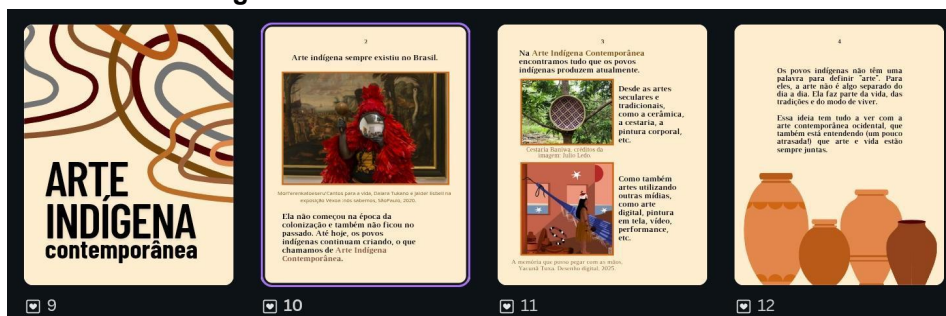
assim, com o apoio da supervisora, propomos transformar o livro em uma produção coletiva dos bolsistas do PIBID-CAP. Na reunião seguinte, a ideia foi apresentada ao grupo, e assim, o livro passou a ser desenvolvido com a contribuição de todos, integrando as pesquisas e materiais já produzidos pelos integrantes.

Por motivos técnicos, logo tivemos que descartar a ideia do livro virtual interativo. Assim, trocamos o formato para e-book e Beatriz Barros (integrante do grupo de pibidianos) ficou responsável pelo design e diagramação do material, que ainda se encontra em processo de construção. Dessa forma, após meses de produção e ajustes, envolvendo etapas de reflexão, revisões e aprimoramentos, cabe apresentar a organização dos capítulos do material didático, indicando seus respectivos autores e um breve resumo do conteúdo desenvolvido em cada um.

2.3 A COBRA MORDEU O HOMEM

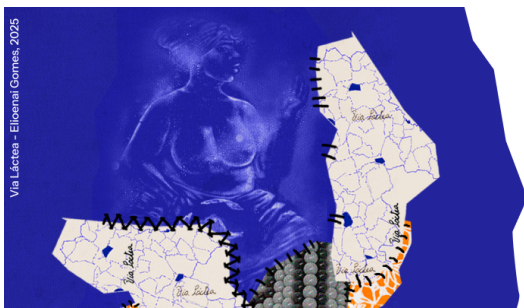
O material didático em desenvolvimento, intitulado “A Cobra mordeu o homem”, é composto por oito capítulos. O primeiro, chamado “Arte indígena contemporânea”, foi elaborado pelas autoras do presente artigo e serviu como ponto de partida do livro. A próxima seção será dedicada a sua análise, razão pela qual aqui é mencionado brevemente.

Figura 2 - Parte do livro em sua versão inicial.



Fonte: A autora, 2025.

Já o segundo capítulo, escrito por Vinícius Medeiros e Geovana Alves, apresenta três artistas indígenas: Ziel Karapotó, multiartista formado em Artes Visuais pela UFPE, com ênfase em instalações e performances; Daiara Tukano,



artista visual e mestra em direitos humanos, conhecida por pinturas policromadas em grande escala, murais e performances, destacando animais e figuras femininas; e Kaê Guajajara, que atua com audiovisual e música, cantada tanto em português quanto em sua língua materna, o ze'egete.

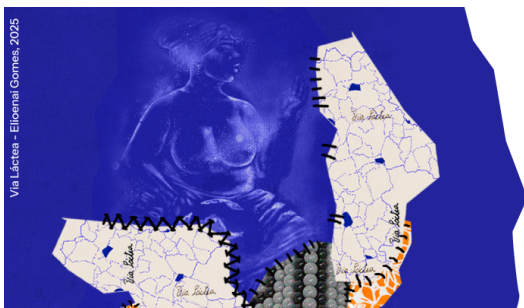
O terceiro capítulo, escrito por Rayza Cândido, traz uma proposta pedagógica de leitura de imagem através dos desenhos Yanomami feitos por André Taniki. Através do projeto idealizado pela fotógrafa Claudia Andujar em 1974, para incentivar os Yanomami a representarem seus rituais e crenças por meio do desenho, permitindo liberdade de expressão aos participantes. O artista André Taniki Yanomami participou do projeto de desenho e, desde então, continuou a desenvolver sua produção artística, com desenhos e pinturas que o levaram a participar da Bienal de Veneza de 2024, além de artista também é xamã do povo Yanomami.

No quarto capítulo, Millena Barros reflete sobre o Brasil demarcado por meio do bordado autoral, inspirado em grafismos indígenas, análises míticas e citações de Daiara Tukano. Ela utiliza o grafismo Araku Pytxã, pintura facial feminina de forte significado espiritual. Em seu processo criativo, Millena descreve o bordado como um gesto de escuta, reverência e conexão, ressaltando que a arte indígena continua viva, em luta e presente, assim como a natureza.

O quinto capítulo, elaborado por Beatriz Barros, foi criado a partir do dicionário da língua Karajá, com o objetivo de construir um dicionário visual ilustrado. A proposta busca fortalecer e difundir a língua Karajá, aproximando seu vocabulário do público de maneira criativa e acessível, utilizando o desenho como meio expressivo.

No sexto capítulo, Ana Clara traz o conto indígena "Uma Pedra de Diamante", acompanhado de uma ilustração de sua autoria que representa elementos do conto. A partir da pesquisa focada nos contos do povo Atikum-Umã, originários de Pernambuco, ela apresenta a Pedra do Gentio, símbolo sagrado, ligado à força espiritual de Tupã e dos Encantados de luz.

Em seguida, Rayza Cândido contribui novamente com o material escrevendo o sétimo capítulo, no qual reflete sobre os grafismos indígenas, discutindo o ato de pesquisar na internet e questionando os resultados obtidos. Ela apresenta grafismos



de diferentes povos, como Tuyuka, Xikrin e Kaxinawá, comparando seus padrões e significados, e observa que nem todos seguem formas geométricas rígidas, como nos grafismos do povo Kadiwéu, que possuem linhas mais curvas.

Por fim, o oitavo capítulo, de autoria coletiva, relata o processo criativo do painel da Cobra (mencionado brevemente no item 2.1), abordando desde a pesquisa inicial até a montagem no colégio. Concluída a apresentação da organização dos capítulos, passa-se à análise mais detalhada do capítulo inicial.

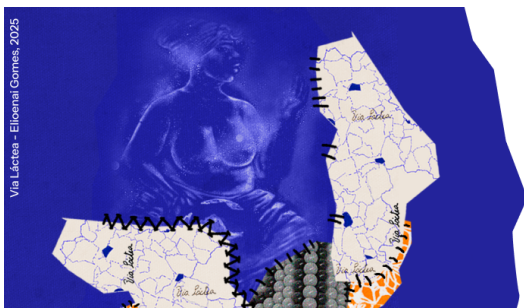
2.4 ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES DESENVOLVIDAS

Durante o processo de elaboração do primeiro capítulo do material didático, foram desenvolvidas, com base nas leituras realizadas durante o momento de pesquisa proposto pela supervisora, algumas reflexões acerca da arte indígena contemporânea. Nesse sentido, compartilhamos a seguir os três principais tópicos refletidos e abordados no capítulo em questão.

O primeiro tópico trata-se da necessidade de superar o senso comum que restringe o tratamento da cultura indígena ao processo de colonização do Brasil, limitando-a ao passado. Buscamos assim, reconhecer que esta cultura e arte se mantém viva até os dias atuais. Jesus (2022), ao organizar o Dossiê “Eu estava aqui o tempo todo e você não me viu: desafios e conquistas da arte indígena contemporânea brasileira”, para a revista Estado da Arte, provoca a reflexão a respeito do tema, visto que o mesmo permite compreender que a arte indígena se colocou como produção presente no Brasil desde sempre.

Assim, iniciamos o capítulo com a seguinte frase: Arte indígena sempre existiu no Brasil. Ela não começou na época da colonização e também não ficou no passado. Até hoje, os povos indígenas continuam criando, o que chamamos de Arte Indígena Contemporânea.

O segundo tópico abordado diz respeito ao reconhecimento, na contemporaneidade, de uma arte indígena que abarca todas as produções atuais, incluindo aquelas feitas nas aldeias, fora do circuito artístico institucionalizado. Para isso, damos continuidade ao capítulo, dizendo: Na Arte Indígena Contemporânea,



encontramos tudo que os povos indígenas produzem atualmente. Desde as artes seculares e tradicionais, como a cerâmica, a cestaria, a pintura corporal, etc. Como também artes utilizando outras mídias, como arte digital, pintura em tela, vídeo, performance, etc.

Isso porque, de acordo com Denilson Baniwa, em entrevista a Rocha (2021, p.65):

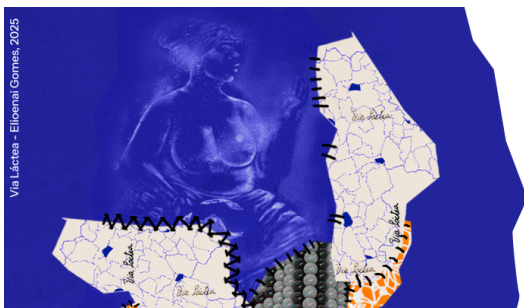
Em 2021 ficamos discutindo se é artesanato ou arte, é uma bobagem, porque a arte contemporânea veio para dizer que existem diversos tipos de arte, abordagens, mídia, suportes, que podem ser entendidos como arte. O modo de educar dos povos indígenas se desenvolveu para além do que é artesanato ou artefato, desenvolveram metodologias super complexas de educação e de entender o mundo e compreender o território onde vivem, isso também é arte.

Nesse sentido, o último tópico abordado refere-se ao paralelo entre as concepções indígenas de arte com a arte contemporânea ocidental. Seguimos o capítulo, dizendo: Os povos indígenas não têm uma palavra para definir "arte". Para eles, a arte não é algo separado do dia a dia. Ela faz parte da vida, das tradições e do modo de viver.

Isso porque, segundo Lagrou (2009), são povos que não partilham nem do conceito nem da noção de arte que por tanto tempo veio moldando a mente ocidental. Entretanto, a própria arte contemporânea ocidental vem se reinventando, deixando de ver a arte como algo separado da vida, trazendo-a para perto, para a vida cotidiana. Fazendo cada vez mais a junção entre arte e vida, coisa que os povos indígenas já faziam há muito tempo.

De acordo com Baniwa (Rocha, 2021, p.65), “[...] os artistas a partir do Dadaísmo, falam que qualquer coisa pode ser arte, um objeto pode ser arte, por exemplo. Os povos indígenas também já pensavam isso [...]”. Dessa forma, complementamos o texto do material com: Essa ideia tem tudo a ver com a arte contemporânea ocidental, que também está entendendo (um pouco atrasada!) que arte e vida estão sempre juntas.

Antes de finalizarmos o capítulo com imagens das produções de Abel Rodrigues, Jaider Esbell, Úyra e Arissana pataxó, seguido do poema “flashes in the



sky of the memory”, do Denilson Baniwa, complementamos o capítulo com a seguinte fala do Ailton Krenak (2016, p. 182):

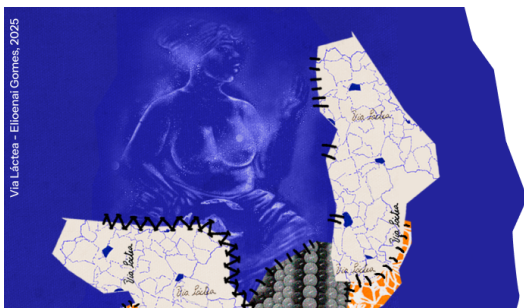
A separação entre viver e fazer arte, eu não percebo essa separação em nenhuma das matrizes de pensamento de povos originários que conheci. Todo mundo que eu conheço dança, canta, pinta, desenha, esculpe, faz tudo isso que o Ocidente atribui a uma categoria de gente, que são os artistas. Só que em alguns casos são chamados de artesãos e suas obras são chamadas de artesanato, mas, de novo, são categorias que discriminam o que é arte, o que é artesanato, o que é um artista, o que é um artesão. Porque a história da arte é a história da arte do Ocidente.

Por fim, é preciso cautela diante das categorizações impostas pelo olhar ocidental, pois elas podem valorizar algumas produções enquanto invisibilizam outras. O reconhecimento das manifestações artísticas indígenas deve considerar suas próprias formas de perceber estéticas, fazeres e mundos, não precisando se enquadrar em conceitos externos para serem legitimadas como arte. É fundamental respeitar a forma como cada pessoa prefere ser identificada, seja como artesã ou artista, sem hierarquizar ou desvalorizar nenhuma dessas escolhas. Afinal, as manifestações estéticas indígenas dizem respeito, sobretudo, ao que os próprios indígenas desejam afirmar sobre sua existência (Jesus, 2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o artigo relatou a elaboração do material didático em construção “A cobra mordeu o homem”, desenvolvido no âmbito do PIBID Artes Visuais da UFPE, abordando o funcionamento do programa, a Semana dos Povos Originários do CAp/UFPE e a proposta do material, com destaque para análise do seu primeiro capítulo, escrito pelas autoras do presente artigo. O processo de pesquisa e escrita constituiu uma experiência coletiva significativa, permitindo a construção conjunta de reflexões críticas e pedagógicas sobre o ensino de artes visuais, resultado da interação e do diálogo constante entre todos os integrantes da equipe.

Dessa forma, conclui-se que a proposta se configura como uma ferramenta pedagógica relevante para o processo de ensino-aprendizagem na educação básica, ao valorizar a arte indígena e estimular práticas educativas mais críticas, inclusivas e



sensíveis à diversidade cultural. Mesmo ainda estando em desenvolvimento, já evidencia seu potencial para gerar debates sobre patrimônio cultural, identidade e diversidade, fortalecendo a formação de professores e alunos no campo das artes visuais e evidenciando o valor da construção coletiva do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008**. [...] estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da república, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 31 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação/Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria CAPES nº 90, de 25 de março de 2024. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. **Diário Oficial da União**: seção 1, págs. 33-36, 25 mar. 2024. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=14542&anchor>. Acesso em: 2 set. 2025.

JESUS, Naine. Manifestações estéticas indígenas – pensar o fazer arte indígena no Brasil. **Revista Estado da Arte**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 457–463, 2022. DOI: 10.14393/EdA-v3-n2-2022-66614. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/66614>. Acesso em: 16 maio. 2025.

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. In: **Bienal São Paulo**: Incerteza Viva - Dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 182.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. In: _____. **Arte Indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. p. 11-38.

ROCHA, Marcelo Garcia da. Arte Indígena Contemporânea: entrevista a Denilson Baniwa. **Cartema**, Recife, Brasil, v. 9, n. 9, p. 62–71, 2021. DOI: 10.51359/2763-8693.2021.250172. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/250172>. Acesso em: 2 set. 2025.